

# GÊNERO E SEXUALIDADE NO MUNDO ROMANO: A ANTIGÜIDADE EM NOSSOS DIAS

## *Gender and sexuality in the Roman world: The Antiquity in nowadays*

---

Lourdes Conde Feitosa\*

### RESUMO

Neste artigo, consideramos como as indagações sobre gênero e sexualidade no mundo romano integram um conjunto de recentes discussões acerca do conhecimento histórico e resultam em novos olhares sobre o passado e a maneira de se organizar e desenvolver pesquisas históricas. Destacamos como a busca pela compreensão das relações estabelecidas entre os universos femininos e masculinos, bem como das relações com o próprio corpo, desejos e sentimentos, propiciam um conhecimento do heterogêneo, do diverso e da complexidade que envolviam as relações sociais e históricas romanas. Além disso, faz-se uma reflexão a respeito dessas questões em nosso próprio tempo.

*Palavras-chave:* gênero; sexualidade romana; presente/passado.

### ABSTRACT

The aim of this article is to think how gender and sexuality in the Roman world can express debates on historical knowledge and produce new interpretation of the past. I point out how the search for the comprehension of seated relations between the male and female universes, and also the relations with themselves bodies, desires and feelings, permit a knowledge of the heterogenic, diverse and complexity that involved the social and historical Roman relations. Besides I shall rethink how those points are relative in our own time.

*Key-words:* gender; roman sexuality; present/past.

\* Doutora em História pelo IFCH/Unicamp; professora das Faculdades Integradas de Jaú e pesquisadora do NEE (Núcleo de Estudos Estratégicos) da Unicamp.

## *Considerações iniciais*

No decorrer do curso de graduação em História, fui despertada a um interesse especial para a área de Antiga. Desde então, a indagação mais freqüente que ouço é: “História Antiga? Por que algo tão distante de nossa realidade?” Em minha trajetória na pós-graduação, buscava respostas para explicitar aquilo que, sensitivamente, já percebia, ou seja, como o conhecimento da História Romana, período escolhido para especializar-me, não estava desconectado de meu tempo e ajudava-me em questões cotidianas: valores, crenças e comportamentos que vivenciava<sup>1</sup>.

Integrar-me e participar das intensas discussões sobre o significado de História, os seus métodos, sua escrita e os temas suscetíveis de análise<sup>2</sup>, foram fundamentais para melhor compreender essa relação presente/passado. Um questionamento inicial foi o porquê de a História Antiga ser considerada algo distante, longínquo de nossa atualidade, e para isso tornou-se necessário pensar sobre a própria noção de temporalidade construída em época moderna.

O texto *Q’est-ce que les Lumières?* (O que são as Luzes?), escrito por Kant em 1784, é considerado por Foucault como o texto inaugural da modernidade e inovador em sua reflexão histórica naquele período. Kant esboça uma resposta ao que definia como Modernidade ou Período das Luzes que, mais do que um período da história, era identificado como uma maneira diferente de pensar, de sentir, de agir em relação ao homem do passado. O espírito da modernidade permitiria o uso livre e público da razão pela humanidade, a conquista de sua maioridade por meio da racionalidade e sua autonomia em relação à superstição e à dependência religiosa. Por meio dessa interpretação, o saber histórico passava a envolver concepções absolutamente centralizadas em explicações racionais e objetivas da reali-

1 Parte da discussão desenvolvida nesse texto foi apresentada, inicialmente, no IX Colóquio Internacional do CPA – A Antiguidade como Presença, realizado de 13 a 16/08/2007, no IFCH, Unicamp, Campinas.

2 de CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999; FOWLER, D. *Roman constructions*. Readings in Post-Modern latin. New York: Oxford, 2000. RAGO, M.; GIMENES, R. A. O. (Orgs.). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: Unicamp, 2000.

dade, ocasionando a sua redução a conceitos rígidos e padronizados, “a verdade”<sup>3</sup>.

As sociedades anteriores eram vistas como etapas de uma evolução programada e destinada a gerar o homem moderno. Não todo e qualquer homem, mas aqueles que “verdadeiramente” faziam e ocupavam o espaço definido como o da história, ou seja, o político e o econômico; portanto, os imperadores, os militares e os grupos dominantes, considerados os detentores do poder e os definidores do curso da História.

O saber histórico aparece como o resultado dessa visão, propagado por meio de idéias universais dadas pelo resgate de contextos históricos; pela existência de sujeitos universais como “a mulher”, “a aristocracia”, “o povo”; além da crença na objetividade do discurso científico e na onisciência do narrador, projetando uma imagem de autoridade à análise como se fosse a própria recuperação do passado. Deste modo, traçou-se um quadro temporal evolutivo e seqüencial, ou seja, História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, cuja finalidade era enaltecer a ótica capitalista e industrial, fundamentada na imagem de progresso e de superioridade das sociedades européias do século XIX sobre as sociedades passadas.

Como fez Kant no final do século XVIII, nas últimas décadas pesquisadores de diversas áreas têm se dedicado a repensar o momento presente e a propor uma ampla crítica cultural, teórica e epistemológica à elaboração, à escrita e ao discurso do modelo iluminista. Uma questão salientada por interpretações críticas é como esses estudos sobre o passado e os aspectos enalticidos – como as guerras, os expansionismos territoriais, os conceitos de cultura dominante e dominada e de superioridade das elites masculinas – caracterizam não o seu resgate, mas olhares e versões sobre o passado, a partir de enfoques e perspectivas que garantem às sociedades ocidentais capitalistas a manutenção de seu *status quo*. Na profusão de novos questionamentos e de suas implicações teórico-metodológicas, destacam-se as idéias de que os fatos históricos não estão prontos à espera de revelação, dispostos em uma seqüência contínua, mas que a escolha do assunto, a sua abordagem e interpretação resultam da opção do historia-

3 FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1984, p. 562, 568, 571.

dor<sup>4</sup>. Desfazem-se, assim, os mitos de saber “o que realmente aconteceu” ou “a verdadeira história”, una, exclusiva e eterna. O fruto é a idéia de que o historiador produz, com o seu ofício, espaços, tempos e práticas, do mesmo modo que ele próprio encontra-se inserido em contextos e conjunturas que influenciam na escolha de seu tema e na maneira de abordá-lo.

A convicção, por parte de muitos historiadores, de que os objetos são criados, constituídos, e que o pesquisador é também uma espécie de narrador, tem conferido um deslocamento dos grandes paradigmas explicativos para uma História mais plural, diversa. Modificações de referenciais da produção do conhecimento histórico exigem um rompimento da relação temporal e seqüencial do presente com o passado como um *continuum* da História. Isso significa que é a partir dos interesses do historiador e das indagações e discussões de seu tempo que se desenvolvem as pesquisas sobre o passado. Desta maneira, refletir sobre povos que já viveram tem sentido porque oferece perspectivas para pensarmos a sociedade contemporânea e avaliarmos os interesses e as motivações que estimularam as pesquisas de outros momentos históricos.

A partir dessa nova percepção de temporalidade, isto é, o passado pensado a partir de motivações do presente, um segundo ponto coloca-se como crucial para a compreensão de temas da Antigüidade, que é a questão da representação do passado como instrumento de poder<sup>5</sup>. Isso significa que a escolha do assunto a ser analisado não é aleatória e as idéias apresentadas sobre esse passado não são neutras, mas indicam escolhas políticas – mesmo que o pesquisador não tenha consciência disso – que são utilizadas para justificar ou discutir uma dada situação do presente. Assim, uma análise do passado envolve, intrinsecamente, uma reflexão sobre a atualida-

4 BARTHES, R. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988; CHARTIER, R. *A história cultural: entre prática e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990; FUNARI, P. P. A.; HALL, M.; JONES, S. (Orgs.). *Historical Archaeology. Back from the edge*. London/New York: Routledge, 1999; JOYCE, P. The end of social history? *Social history*, v. 20, n. 1, p. 73-91, jan. 1995; RABINOWITZ, N. S.; RICHLIN, A. (Eds.). *Feminist theory and the classics*. New York: Routledge, 1993 e VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. Brasília: UnB, 1982.

5 BOND, G. C.; GILLIAM, A. *Social construction of past. Representation as power*. London: Routledge, 1997 e FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura F. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

de daquele que produz o texto e possibilita questionar as razões que induzem as conotações construídas sobre esse passado.

Considerados esses aspectos, é apresentada uma reflexão a respeito dessa conexão presente/passado com os eixos temáticos por mim pesquisados nos últimos anos: questões de gênero e sexualidade, e como, a partir deles, é possível considerar elementos da riqueza multicultural vivenciada na sociedade romana.

O interesse em refletir sobre gênero e sexualidade surgiu do conjunto de indagações proposto pela contemporaneidade na qual vivo. Ao longo do século XX, com o declínio do colonialismo e das muitas resistências em relação ao projeto de modernidade, ampliam-se as denúncias contra as desigualdades sociais, as diferenças injustificadas de cunho sexual e racial e as formas de dominação originadas pelas sociedades capitalistas, baseadas na exploração predatória do homem e da natureza e na promessa de um progresso, na prática, não acessível à grande maioria dos seres humanos. Nesse ambiente, tornaram-se mais frequentes as lutas contra as diferenças sociais, étnicas, religiosas, sexuais e de gênero, entre outras, as quais propiciaram a organização de movimentos feministas, de operários, de negros, de imigrantes, de homossexuais e de outros grupos marginalizados pelas estruturas instituídas.

Desde a década de 1970, importantes discussões filosóficas estimularam uma revisão de conceitos e valores tradicionais, dentre eles os dos códigos sexuais e o do regime de verdades instituído sobre as relações de gênero. Essas discussões traduziam um desejo de liberação das formas de sujeição impostas pelo Estado e pela cultura na Modernidade ao questionarem as definições de feminilidade e de masculinidade, de hetero e homossexualidade, instituídas desde o século XIX. Colocava-se em pauta o tema da reinvenção de si, das possibilidades de se viver diferentemente do que se vive, experimentando-se a si mesmo a partir de livres escolhas e de novas interpretações, e isso resultou, também, em um novo olhar sobre o passado e a maneira de se organizar e desenvolver as pesquisas históricas<sup>6</sup>.

6 FEITOSA, L. C.; RAGO, M. Somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e gênero na Antiguidade e na Modernidade. In: RAGO, M.; FUNARI, P.P. (Org.). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008. (No prelo)

Dentre essas abordagens e debates, buscaram-se novas referências para se entender os significados atribuídos à feminilidade e à masculinidade e rejeita-se a noção de que as motivações sexuais humanas sejam “instintivas” ou “naturais”, embora essas idéias ainda estejam arraigadas no senso comum, como se as concepções e valores morais sobre a sexualidade fossem e sempre tivessem sido os mesmos. Nas seções seguintes são explicitados aspectos desses debates.

### *Feminilidade e masculinidade: ampliando as perspectivas de gênero*

As abordagens feministas, amplamente discutidas nas últimas quatro décadas, colocaram em debate o papel das mulheres na História, procurando compreender as diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles. Até os anos 1960, grande parte da historiografia, e de maneira geral a que tratava da Antigüidade, pouca atenção destinou a elas, já que a preocupação corrente era com as cenas de guerras e as disputas políticas. As exceções davam-se em alguns estudos relacionados às mulheres chamadas célebres, como, por exemplo, as histórias de Messalina, de Cleópatra, de Livia ou Penélope, cujo interesse estava na relação que possuíam com homens famosos ou pelo poder que detinham<sup>7</sup>.

Essas discussões feministas vieram acompanhadas de uma reelaboração dos princípios teóricos das Ciências Humanas, até então pouco atentos às experiências femininas. Alargou-se o conceito de documento histórico e, além dos tradicionais escritos oficiais, também ganharam valor documental a iconografia, a numismática e muitos outros vestígios arqueológicos, permitindo, desde então, “trazer para a História” as experiências e

7 LÓPEZ, C. M. Las mujeres en el mundo antiguo. Una nueva perspectiva para reinterpretar las sociedades antiguas. In: MAMPASO, M. J. R. et al. (Ed.). *Roles sexuales*. La mujer en la historia y la cultura. Madrid: Clasica, 1994, e PERRROT, M. Práticas da memória feminina. Tradução de Cláudio H. de M. Batalha e Miriam P. Grossi. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ago./set. 1989, v. 9, n. 18, p. 9-18.

os olhares femininos. Sobre a História Antiga Romana, esses estudos têm permitido rever as áreas de atuação tradicionalmente atribuídas às mulheres, as diversas formas de atuação política e os fundamentos, composição e participação dos grupos sociais nas variadas esferas da organização social.

Com a influência das reflexões pós-modernistas e a valorização do diverso e do heterogêneo no interior das sociedades, as discussões das epistemologias femininas ganharam complexidade e a idéia de uma essência feminina ou masculina tornou-se insuficiente para justificar os diferentes interesses de cada um deles em grupos socioculturais variados. A aceitação de diversos perfis de feminilidade e de masculinidade põe em discussão a idéia da supremacia do poder do “homem” sobre a “mulher” à medida que a noção generalizante de imposição masculina não pode dar respostas satisfatórias à diversidade de comportamentos e situações históricas. Essa observação é particularmente significativa para a análise do mundo romano. No início do Império, o vasto território que compunha a sociedade romana circundava todo o mar Mediterrâneo e integrava inúmeras regiões, com povos diversos, anexadas ao longo do processo de conquista.

A composição desse imenso império emaranhado de latinos, gálatas, egípcios, béticos, germanos, dácios, gregos, entre tantos outros, denota diversidades jurídicas, econômicas, étnicas, de idade, sexo, profissão e língua que acabam sendo camufladas e simplificadas pela expressão “povo romano”. Variedades que interferiam no lugar social ocupado pelos diferentes indivíduos e que são elementos importantes a serem considerados pelo pesquisador interessado em uma análise de gênero e de poder<sup>8</sup>. Isso não significa desconsiderar o caráter patriarcal da sociedade romana e o monopólio das relações públicas e dos cargos políticos por determinados homens, mas é preciso atenção para a complexidade social e jurídica romana, estabelecendo diferenças entre os indivíduos, como pode ser visto em alguns exemplos apresentados abaixo.

Durante o Império, a grande maioria da população não possuía a cidadania romana, o que só veio a acontecer com Caracalla (211–217), pela

8 FUNARI, P. P. A. Romanas por elas mesmas. *Cadernos Pagu*, Campinas, 1995, n. 5, p. 179-200, p. 180; MONTSERRAT, D. Reading gender in the Roman World. In: HUSKINSON, J. (Ed.). *Experiencing Rome. Culture, identity and power in the Roman Empire*. Oxford: Routledge, 2000, p. 165 e SKINNER, M. Introduction. In: HALLETT, J. P.; SKINNER, M. B. (Ed.). *Roman sexualities*. New Jersey: Princeton, 199?, p. 13.

*Constitutio Antoniniana*, e mesmo dentre os cidadãos havia distinções entre a cidadania com pleno direito – *ciues Romani*, daquela com direitos parciais – *ius Latii*<sup>9</sup>. Isso significa que, em diversos aspectos, os inúmeros povos que compunham o império romano viviam de acordo com as leis locais, regidas segundo os seus costumes e preceitos, elemento que denota a complexidade das relações sociais “romanas”, dentre elas as estabelecidas entre o feminino e o masculino.

Em relação à idéia de um poder absoluto do *pater familias* romano sobre as mulheres, criou-se uma imagem rígida e absoluta do poder paterno de um cidadão romano sobre os seus filhos e filhas que não é consensual nem mesmo entre as fontes literárias e jurídicas romanas<sup>10</sup>. As profundas mudanças pelas quais passou a sociedade romana com a transição da República para o Império, a participação de filhos(as) nos negócios do pai, a possibilidade de aqueles recusarem o esposo(a) escolhido(a) pelo pai, quando este desconsiderava o estatuto de cidadania ou a condição moral dos eleitos, o tipo de casamento efetuado, entre outros pormenores, foram alguns dos aspectos que influenciaram as relações entre pais e filhos, atestados nas fontes antigas, e que precisam ser relevados.

As crescentes análises sobre as romanas e a utilização de documentos como moedas, inscrições, estátuas e tumbas funerárias têm sido fundamentais para compreender a participação delas no espaço social. A presença de mulheres abastadas, identificadas pelo nome de sua família, é atestada na sociedade romana por meio da política de benefícios e de construções públicas; no apoio financeiro a jogos e na distribuição de alimentos; nas relações pessoais, desenvolvidas por meio do sistema de clientela e de *amicitia*; no patrocínio a corporações de ofício e no gerenciamento de propriedades particulares e de negócios familiares<sup>11</sup>.

9 ALFÖLDY, G. *História social de Roma*. Tradução de Victor Alonso Troncoso. Madrid: Alianza, 1987, p. 144 e 154.

10 TREGGIARI, S. Ideals and practicalities in matchmaking in Ancient Rome. In: KERTZER, D. I.; SALLER, R. P. (Eds.). *The family in Italy*. New Haven/London: Yale University Press, s/d, p. 96.

11 CAMERON, A.; KUHRT, A. (Ed.). *Images of women in antiquity*. Detroit: Wayne State University Press, 1983; DIMOPOULOU, A. Medica, obstretrix, nutrix: les femmes dans les métiers médicaux et paramédicaux dans l'Antiquité grecques et romaine. *Saitabi*, v. 49, p. 273-287, 1999; LeGALL, J. Metiers des femmes ou Corpus Inscriptionum. *REL*, v. 47 bis, p. 123-130, 1970; MORRETA, S. Donne imprenditrice nella produzione e nel commercio dell'olio Betico (I-III séc. d.C.). *Saitabi*, v. 49, p. 229-245, 1999; TREGGIARI, S. Ideals and practicalities in matchmaking in Ancient Rome. In: KERTZER, D. I.; SALLER, R. P. (Eds.). *The family in Italy*. New Haven/London: Yale University Press, s/d e WILL, E. L. Women in Pompeii. *Archaeology*, v. 32, n. 5, p. 34-43, 1979.

Em relação àquelas das “classes baixas” – livres, libertas e escravas – a documentação material possibilita verificar a sua atuação no espaço social em atividades como taberneiras, tecelãs, vendedoras, cozinheiras, açougueiras, perfumistas, enfermeiras, entre outros<sup>12</sup>.

Também encontram-se referências da participação feminina em discussões políticas em escrutínios locais. Na Pompéia romana, foram encontrados cartazes de propagandas eleitorais, denominados *programmata*, e inscrições em paredes, os grafites, por meio dos quais indicavam os seus candidatos, manifestavam o seu apoio, discutiam e opinavam sobre a política local, mesmo sem poderem, legalmente, participar das eleições<sup>13</sup>.

Essas pesquisas ajudam a repensar a idéia do confinamento feminino ao lar, dedicada a fiar a lã e administrar a casa e, portanto, distante da vida pública, do fórum, do centro das decisões políticas e de poder. A própria caracterização da casa romana como um espaço privado, destinado ao descanso e restrito à convivência familiar, agora é discutida sob um ponto de vista arqueológico. Wallace-Hadrill<sup>14</sup>, por exemplo, considera que no interior dessas casas aristocráticas desenvolviam-se articulações políticas e relações de clientelismo com pessoas de diferentes estratos sociais, recebidas em espaços específicos de acordo com a sua posição social. Com isso, o próprio âmbito da casa integraria as duas extensões e levam a supor que mulheres estavam mais próximas de discussões políticas do que o imaginado.

A separação entre as esferas pública e privada seria também inapropriada para as casas menores de Pompéia. Segundo Laurence<sup>15</sup>, era comum as pessoas trabalharem e morarem no mesmo local, o que fazia com que homens e mulheres permanecessem juntos grande parte do tempo, constituindo outros tipos de relações que não correspondem à divisão tradicionalmente estabelecida. Esse estudo nos faz pensar que ou esses homens não participavam das discussões políticas tanto quanto as mulheres que ali

12 D'AVINO, M. *La donna a Pompei*. Napoli: Loffredo, 1964; JOSHEL, S. R.; MURNAGHAN, S. (Eds.). *Women & slaves in Greco-Roman culture*. London: Routledge, 1998 e KAMPEN, N. *Image and status: Roman working women in Ostia*. Berlin: Mann, 1981.

13 Cf. BERNSTEIN, F. S. *The public role of Pompeian women*. Michigan: Ann Arbor, 1987 e SAVUNEN, L. *Women and elections in Pompeii*. In: HAWLEY, R.; LEVICK, B. *Women in Antiquity*. London: Routledge, 1995.

14 WALLACE-HADRILL, A. *Houses and society in Pompeii and Herculaneum*. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 5, 10.

15 LAURENCE, R. *Roman Pompeii: space and society*. London: Routledge, 1994. p. 131.

habitavam e trabalhavam, ou o modelo de análise precisa ser revisto para incorporar situações que não se enquadram no molde formulado<sup>16</sup>.

Esses reflexões certificam a necessidade de retificar muitos dos conceitos aplicados à sociedade romana e, em geral, a outras situações históricas. Como lembra López:

É fundamental considerar a existência de sociedades nas quais os papéis sociais não correspondam, em sua atribuição sexual, aos modelos de domínio ou submissão com os quais se identificam em tempos modernos e, inclusive, em sociedades definidas claramente como patriarcais podem existir perfis não tão definidos em sua atribuição como imaginamos desde nossa perspectiva atual<sup>17</sup>.

## *Sexualidade*

A expressão *sexualidade* é empregada somente a partir do século XIX, portanto, sem valor epistemológico para sociedades anteriores; contudo, a sua aplicação é apropriada por considerar como os valores culturais interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os seus desejos e sentimentos. A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual e de suas emoções, evidenciando variados sentidos de acordo com os valores socialmente constituídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos.

Nas sociedades ocidentais, a influência do pensamento judaico-cristão designou ao sexo uma conotação nociva<sup>18</sup>, sentido estendido aos objetos, imagens e escritos com referências sexuais, considerados incitações à pornografia, à libidinagem. Esse repensar sobre os significados atribuídos a essa documentação ainda é algo muito recente e só há pouco

16 LAURENCE, Op. cit., 1994, p. 131.

17 LÓPEZ, Op. cit, 1994, p. 44.

18 Cf. FOUCAULT, 1979; CHAUI, 1988 e MARCUSE, 1967.

tempo mostrou ser viável e produzir resultados consistentes, como ficou patente no caso da documentação material romana que, por séculos, foi destinada a um enorme ostracismo acadêmico que vem sendo superado apenas em décadas recentes.

Contudo, ainda são perceptíveis na mídia idéias que reforçam o estigma de pornográfico atribuído aos documentos de cunho sexual romano. Em matéria intitulada “Leituras cruzadas, Pornografia ao pé da letra” apresentada em um jornal brasileiro de grande circulação<sup>19</sup>, a notícia sobre descobertas arqueológicas de grande quantidade de artefatos com representações sexuais, encontrados em diferentes regiões do império romano, levou a jornalista a concluir por um “gosto romano pelas imagens e textos pornográficos”, em uma clara transposição de conceitos do imaginário contemporâneo para a Antiguidade, reforçando pensamentos acríicos e estereotipados sobre a sexualidade antiga.

Com a crítica da constituição de identidades a partir do biológico, percebeu-se a inadequação de inúmeros termos e interpretações modernas, quando projetados no passado. É o caso, por exemplo, das representações “eróticas” encontradas no universo greco-romano, mencionadas acima. O que simbolizaria uma “cavalgada feminina” reproduzida em pintura, escultura, cerâmica, louça de luxo e moedas romanas? Um ato de felação representado na arte grega? A cena de cunilíngua presente nos epigramas e grafites romanos? A representação fálica presente em objetos como lamparinas, sinetas, fontes, ou presente nos beirais das casas, paredes e jardins?

Como olhar para essas representações espalhadas em quartos, salas, varandas, lupanares, muros e em uma vasta gama de objetos de uso comum? As reflexões sobre a sexualidade permitem um **olhar crítico** sobre essas menções de cunho sexual como elementos de estímulo ao desejo ou um sinal da “devassidão” de nossos antepassados, como banalmente interpretado anteriormente. Hoje, defende-se que essas referências não eram reservadas a circunstâncias exclusivamente eróticas, mas que também as-

19 Leituras cruzadas, Pornografia ao pé da letra. *Revista da Folha de São Paulo*, 31 de maio de 2005, p. 20-21, assinada por Laura Schichvarger.

sumiam conotações religiosas, apotropaicas, satíricas, humorísticas ou simplesmente mostravam-se como um componente agradável e natural da vida<sup>20</sup>.

Por exemplo, o grafite

[*Floronius binet ac miles leg vii hic fuit. Neque mulieres scierunt nisi paucae et ses erunt*] (CIL, IV, 8767)

**Florônio, fodedor e soldado da sétima legião esteve aqui e as mulheres nem souberam, senão, até seis seriam poucas!**

comumente interpretado como destaque à virilidade masculina, agora é lido em um sentido apotropaico, ou seja, como uma maneira de Florônio tentar afastar os maus agouros por ter sido negligenciado pelas mulheres que procurou conquistar; daí o seu “despeitado” comentário final de que seis seriam poucas para um homem com o seu vigor<sup>21</sup>.

Discussão semelhante pode ser feita em relação ao uso freqüente do verbo *futuere* que, em sentido literal e coloquial, significa a ação de “foder”, ou, em padrão culto, “ter relação sexual com”. Menções sobre essa ação foram encontradas em lugares diversos de Pompéia, muitos dos quais não se pode fazer uma associação direta com um ambiente onde se praticava sexo, como os lupanares. Exemplos podem ser vistos em frases como a registrada em uma das colunas da Rua da Fortuna:

*Ephesus fututor* (CIL, IV, 1503)

**[Éfeso, fodedor],**

na parede de uma taberna:

*Hic futui cum sodalibus* (CIL, IV, 3935)

**[Aqui, com meus colegas, fodi],**

e ainda outra escrita na entrada de uma casa:

20 JACOBELLI, L. *Le pitture erotiche delle Terme Suburbane di Pompei*. Roma: L'Erma, 1995.

21 FUNARI, P. P. A. Apotropaic symbolism at Pompeii: a reading of the graffiti evidence. *Revista de História*, n. 132, p. 9-17, 1995, p.13.

*Fortunate animula dulcis perfututor  
Scribit qui nouit (CIL, IV, 4239)*

**[Fortunato, doce coraçãozinho, grande fodedor!  
Escreve-o quem sabe],**

Há muita discussão e controvérsia sobre o significado que essas referências poderiam assumir na sociedade romana, dentre as quais destaco algumas interpretações. Para Varone, essas freqüentes citações são próprias da pulsão erótica, que suscita uma necessidade incontrolável de escrever sobre o encontro sexual e de dividir com os outros o prazer que sentiram na relação. Portanto, citá-las seria a própria continuação do prazer<sup>22</sup>.

Adams, por sua vez, considera que tais inscrições podem sugerir propagandas feitas por prostitutas sobre a capacidade sexual de seus clientes, e, o que seria mais comum, uma indicação da virilidade do sujeito que a escreveu, ou, ao menos, a intenção de realçá-la. Entretanto, o autor destaca que o uso desse verbo é freqüente na voz ativa – “eu fodo”, “eu possuo”, tanto para o masculino como para o feminino<sup>23</sup>. Isso pode ser visto em alguns grafites em que a mulher é representada como “possuidora”:

*Miduse fututrix (CIL, IV, 4196)*  
**[Miduse possuidora].**

O corrente uso popular desse verbo, empregado sempre em relação à ação sexual do pênis, simbolicamente representante “do ativo”, é interpretado por Funari em sua capacidade de se defender dos perigos e do mau-olhado e, ao mesmo tempo, por trazer sorte e proteção. Por isso o autor considera que, mais do que atribuir o poder do falo somente ao homem, parece razoável supor que era a “relação sexual”, implícita nesse símbolo, que portava consigo a verdadeira potência protetora e, por isso, usado na voz ativa por todo aquele que recorresse à sua capacidade protetora<sup>24</sup>. Essa

22 VARONE, A. *L'erotismo a Pompei*. Roma: L' Erma, 2000, p. 79.

23 ADAMS, J. N. *Il vocabolario del sesso a Roma*. Analisi del linguaggio sessuale nella latinità. Tradução de Maria Laetitia Riccio Coletti e Enrico Riccio. Roma: Argo, 1996, p. 161 e 163.

24 FUNARI, P. P. A. Falos e relações sexuais: representações para além da “natureza”. In: FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. *Amor, desejo e poder na Antigüidade*: relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

conotação possibilita pôr em questão a interpretação simples e de senso comum com que, freqüentemente, olhamos para esses signos do passado.

Outra conhecida inadequação é a transposição simplista dos conceitos de homossexual e heterossexual para a análise da experiência sexual no mundo antigo. Nesse universo, o fato de um “homem” fazer sexo com outro “homem” ou “mulher” não era suficiente para identificar a sua categoria sexual, como ainda é pressuposto em dias atuais. Longe de fundar uma espécie – o “homossexual” – a relação sexual entre dois homens era considerada uma prática erótica compatível com o casamento com o sexo oposto, não excludente, pois, da relação com as mulheres.

A passividade sexual masculina é considerada por Sêneca “indecência e crime para os livres, fatalidade para o servo e obrigação para o liberto”<sup>25</sup>. Por meio dessas palavras, estabelece aquilo que lhe parece como a “ordem natural”: a função sexual ativa do homem aristocrático e cidadão, compatível com o seu autodomínio, integridade física, controle e domínio sobre os demais membros da sociedade e povos: mulheres, libertos e escravos. A sua virilidade estaria representada em seu ativo papel sexual e social.

É notória a semelhança dessa idéia de Sêneca em obras historiográficas contemporâneas. Isso acontece porque esses autores aca- tam a visão aristocrática do desempenho sexual definido para cada grupo e a reproduzem como legítima e padronizada<sup>26</sup>.

Em relação a essa tese, é importante ponderar sobre a rigidez apresentada em relação ao comportamento sexual dos aristocráticos – função ativa – e da subserviência de seus “comandados”.

Sobre o primeiro ponto, a famosa passagem de Suetônio sobre Júlio César é o exemplo mais significativo do desrespeito à idéia de uma restrita prática sexual ativa masculina e abre um hiato entre aquilo que poderia ser idealizado e efetivado: “Júlio César era mulher de todo homem e homem de toda mulher” [*mnium mulierum uirum et omnium uirorum*

25 *Impudicitia in ingenuo crimen est, in servo necessitas, in liberto officium.* SÊNECA, *Des Controverses*, IV, 10.

26 CANTARELLA, E. *Según la natura*. La bissexualidad en el mundo antiguo. Tradução de María del Mar L. García. Madrid: Akal, 1991, p. 205; GALÁN, J. E. *La vida amorosa en Roma*. Madrid: Temas de Hoy, 1996, p. 29; QUIGNARD, P. *Le sexe et l'effroi*. Paris: Gallimard, 1994, p. 23 e ROBERT, J. N. *I piacere a Roma*. Milano: Rizzoli, 1994, p. 131.

*mulierem*]<sup>27</sup>. É interessante observar que, embora Suetônio faça essa afirmação em tom jocoso, isso não foi suficiente para colocar em risco a posição de cônsul ocupada por Júlio César, diferente do que veio a acontecer a um representante de alto escalão do governo norte-americano, em 2006, que pediu sua demissão (ou foi induzido a fazê-lo), após confirmar sua preferência pelo mesmo sexo.

Além da prática de Júlio César, os grafites também oferecem elementos para questionarmos a idéia de austeridade sexo-afetiva como um elemento significativo da virilidade masculina. Declarações amorosas, súplicas, mensagens de saudades, entre tantas outras, foram estampadas nas paredes sem o constrangimento de manifestar publicamente a afetividade que envolvia os seus escritores, como observado nas inscrições abaixo.

Uma efusiva declaração foi deixada a Taine, na parede de uma casa:

*Dulcis amor, perias eta (pro ita)*

*Taine bene amo dulcissima /*

*Mea / Dulc (CIL, IV, 8137)*

**[Oxalá pereça, doce amor. Amo tanto a Taine,  
minha dulcíssima amada].**

Já na inscrição CIL, IV, 4858, é possível saber o valor que Valentina tinha para a vida de Ametusto, registrado por ele em um dos muros:

*Amethusthus nec sine sua Valentina*

**[Ametusto não vive sem sua Valentina],**

e Restituto, possivelmente um comerciante que se encontrava de passagem pela cidade, expressou na parede de um quarto a falta que sentiu de sua querida Urbana:

*Vibius Restitutus hic solus dormiuit et*

*Urbanam suam desiderabat*

*(CIL, IV, 2146)*

27 SÜETONIUS. *De vita duodecim Caesarum*, I, L.

**[Víbio Restituto aqui dormiu sozinho e lembrou-se ardentemente de sua amada Urbana].**

As paredes também guardam os registros das muitas súplicas amorosas, feitas por homens que, em uma linguagem simples e direta, pedem o amor da mulher estimada. Desta maneira expressou-se Secundo, no átrio de uma casa:

Secundus Prim(a)e suae ubi/que isse salute(m).  
 Rogo, domina, ut me ames (CIL, IV, 8364)  
**[Secundo a sua querida Prima, uma saudação cordial.  
 Peço, senhora, me ame!],**

O mesmo fez Élio, em uma cozinha:

Aelius Magnus Plotillae suae salutem.  
 Rogo, domina (CIL, IV, 1991)  
**[Élio Magno saúda a sua amada Plotila].  
 Peço-te senhora!].**

À Grata foi direcionada uma súplica registrada no interior de uma casa:

*(Grat)ae nostrae feliciter (perp)etuo  
 rogo domna per (Venere)m Física  
 te rogo ni me (...)us habeto mei memoriam. (CIL, IV, 6865)*  
**[A minha querida Grata, com felicidade eterna.  
 Te peço, senhora minha, por Vênus Física,  
 que você não esqueça de mim. Me tenha sempre em teus  
 pensamentos!].**

E um anônimo, apressado, possivelmente um artista prestes a exibir o seu número, deixou esta mensagem a Sava no corredor do Teatro:

*Propero. Vale, mea Sava, fac me ames  
 (CIL, IV, 2414)*  
**[Tenho pressa. Tchau, minha Sava! Me queira sempre!].**

Mensagens como essas se tornam ainda mais complexas quando relacionadas àquelas com menções de cunilíngua, demonstrando uma prática de satisfação do desejo feminino<sup>28</sup> e uma conexão sexo-afetiva entre o feminino e o masculino baseada em outros parâmetros que não aqueles de dominação e controle.

Para finalizar, as discussões de gênero e sexualidade propiciam uma reflexão sobre nossas próprias relações, conceitos e valores e de como os olhamos na Antigüidade. Essa relação presente/passado significa, também, indagarmos a respeito de como os temas investigados e os seus resultados são frutos de formulações e interpretações históricas, que indicam escolhas políticas e buscam questionar ou ratificar determinadas situações e idéias. Novos olhares e abordagens sobre as fontes e o seu confronto com as discussões historiográficas contemporâneas nos induzem a outras possibilidades de relações entre o feminino e o masculino e o modo de conceberem a sexualidade, além dessas vivenciadas na atualidade. O resultado está em vislumbrarmos uma Antigüidade Romana mais complexa, dinâmica, em suas realidades múltiplas e heterogêneas.

## *Agradecimentos*

Agradeço a Pedro Paulo Funari, Margareth Rago e Renata Senna Garraffoni. As idéias apresentadas são de minha responsabilidade.

28 CIL - *Corpus Inscriptionum Latinarum*. v. IV. Berlim: Akademie Verlag, desde 1863. CIL, IV, 1331; 4304; 3999, 8698. Mais informações em FEITOSA, L. C. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2005.